

**A arte de Ingmar Bergman sob a lente de uma interpretação
“Através de um espelho” (Såsom i en spegel)**

**Por: Carolina Lusitano Mósso dos Santos
Mestranda em Ciência da Literatura/Poética**

O enigmático filme de Ingmar Bergman, “Através de um Espelho”, levanta questões que podem ser consideradas para quem deseja pensar no ser próprio da obra de arte.

Inicialmente, podemos nos deter na história da trama. Os acontecimentos ao longo das cenas giram em torno de quatro personagens, cada um destes com importância inigualável. Trata-se de uma família. O pai (David), o filho (Minus), a filha (Karin) e o marido da filha (Martin). Todos passam, juntos, um tempo de férias. O pai é um escritor que ficou famoso com seus livros e que, por isso, costuma viajar muito e, quando não está viajando, dedica-se intensamente ao trabalho em sua casa. Seu filho é jovem, tem 17 anos e segue os passos do pai no sentido de ter talento também para ser um escritor. Contudo, na concepção de escrita, ambos diferem de modo radical.

Sua filha, Karin, traz uma certa “perturbação” na aparente estrutura linear das coisas pois foi descoberto que ela adquiriu uma doença que prejudica o cérebro. Sequer se sabe se há cura para ela. Seu marido é um médico e é muito dedicado à esposa.

Dentre as diferentes possibilidades de interpretação que o filme sugere, por seus variados aspectos consideráveis, volvemos nossa atenção em primeiro lugar para a figura de David. Tendo passado sua vida, até então, em completa dedicação a sua profissão, a sua “obra”, não conseguiu dedicar-se à família e ser um pai responsável e atuante e, pelo que tudo sugere, nem um bom marido antes de ser viúvo. Quando sua esposa estava para falecer, ele começava a fazer sucesso, de modo que o mais importante naquele período foi o alcance dessa fama, sacrificando a completa dedicação a esposa necessitada.

No decorrer da narrativa e das imagens cinematográficas, o espectador tem a possibilidade de perceber essas sutilezas e deparar-se com um homem

que, agora, passa por “crise” consigo mesmo. Sente-se mal por passar pouco tempo com a familiar, sente-se um “criminoso”, como ele mesmo diz, e, com a doença de Karin, esse sentimento parece acentuar-se. Porém, em princípio, ele não se apresenta disposto a fazer algo e modificar essa situação. Continua a dedicar-se ao trabalho e às viagens necessárias por conta deste. Acontece que, até em sua produção, sente dificuldade para escrever. Não tem muita “inspiração”.

Apesar dos problemas apresentados, os quatro personagens, juntos, tentam se divertir durante aqueles dias. As ações são comumente cotidianas, banais. Mas, justamente em meio a essa normalidade, é que irão acontecer os diálogos mais essenciais. Após um jantar, Karin e Minus apresentam uma peça de teatro a David. O roteiro foi todo escrito por Minus. A peça se chama “A assombração Artística” ou “A Sepultura das Ilusões”. Minus interpreta um artista e Karin uma princesa morta que aparece a ele. Na apresentação do personagem à princesa, ele se diz como um artista dos mais puros pois é “poeta sem poemas”, “pintor sem quadros”, “músico sem notas musicais”. É rei de seu reinado, ainda que este seja pequeno. Despreza a arte pré-fabricada, o resultado de um esforço banal. Em declaração à princesa, diz: “A minha vida é o meu trabalho e eu o dedico por amor a você”. E em prova de verdade do que se diz, pede que a princesa o prove para que ela creia nele. Desse modo, é lançado ao artista um desafio: que ele entre na sepultura da amada princesa assim que soarem os sinos e entregue sua vida para ficar, morto, ao lado dela eternamente. Antes de partir, ela o convoca a aperfeiçoar sua obra de arte com esse sacrifício e coroar o seu amor, a enobrecer sua vida e mostrar aos céticos o que um verdadeiro artista pode fazer. Diante de tais palavras, ele responde com uma indagação que demonstra facilidade na tarefa solicitada: “O que é a verdadeira vida para um artista?”. A peça continua e, assim, tocam-se os sinos. Inicia-se uma completa indecisão no palco por parte do personagem central. Ele pensa, diante da “mais total perfeição”:

“Entregar-se pela obra perfeita, pela eternidade, por amor? Será que enlouqueci? Quem verá meu sacrifício? A morte. Quem irá avaliar a profundidade do meu amor? Um fantasma. E quem me agradecerá? A eternidade.”

(BERGMAN:1961)

Diante de tanta dúvida, de tantas perguntas, o tempo para a decisão se encerra e a porta pela qual ele deveria entrar se fecha. O tempo encarregou-se de seu destino. A apresentação é encerrada com as palavras do artista que diz da possibilidade de pintar um quadro, escrever um poema sobre seu encontro com a princesa, mas considera que seria necessário um final mais heróico para tais artes.

A peça encenada surge como algo que questiona o próprio fazer artístico. Pensemos o próprio título inicialmente. “A Assombração Artística” ou “A Sepultura das Ilusões” conduzem o pensamento a um mistério. Há uma assombração, se pensarmos no 1º título. Logo, há um certo terror e temor a algo. E esse algo diz respeito a arte. E, de fato, teme-se a arte. Resta saber de que arte se fala. O 2º título sugere uma morte, um esquecimento. Trata-se de deixar radicalmente à parte tudo que seja ilusão. Há nesses dois títulos um modo de ver a arte que irá dialogar com a postura desse artista da peça. Convocado a alcançar a perfeição de sua obra pela entrega de sua vida, o artista titubeia e não tem coragem de permitir sua consumação. Chegar ao consumir-se passaria pela resposta, em tomada de decisão, à convocação do apelo que lhe foi feito. Contudo, essa resposta só pode ser dada no tempo, no limite que lhe é posto. Sepultar as ilusões exigiria uma arte que renunciasse aos critérios pessoais como premissa primordial de sua produção. Determinaria, também, não um dizer “sobre” as coisas e os acontecimentos, como chegou a pensar o artista ao final da peça em fazer pinturas ou poemas sobre o encontro com a princesa, mas dizer “com” essas coisas e acontecimentos, inserir-se neles e, desse modo, afastar-se de uma postura que olha com distância para melhor “analisar”.

Devido ao que foi exposto na peça, o pai sentiu-se afetado. A arte, como foi mostrada, enquanto convocação e apelo, opõe-se ao modo como ele a vê. A noção, manifestada no fim da peça, da necessidade de um final mais heróico para realizar o fazer artístico, mostra a transformação dos acontecimentos da vida, dessa vida com falhas, covardias, não-correspondências e omissões, em algo aprazível, deleitável aos sentidos e que possa conduzir aquele que entra em contato com a “obra” ao prazer não enquanto aprendizagem, mas como entretenimento e distração. Minus é o autor da peça e, em conversa mostrada

no filme entre ele e David, o 1º diz que as peças, os textos que escreve todos lhe vêm a cabeça e ele precisa de escrever. Com o pai, não é da mesma forma. Ele precisa ter matéria de escrita para a publicação com data marcada e nada lhe vem à mente para a criação. A imagem do personagem artista é a do próprio pai que, apesar de sentir em si uma convocação própria, prefere continuar no sucesso já conquistado, sendo rei de seu próprio reinado, ainda que ele seja pequeno, e escrever “obras” pautadas em devaneios do que arriscar dispor-se para aquilo que lhe é doado. Sepultar as “ilusões” seria enterrar os belos sentimentos com os quais habitualmente faz literatura. Seria não propor-se a uma busca meramente estética da arte mas buscar algo a mais. Dispor-se e querer a eternidade da obra, a qual na peça é dispensada, pressupõe um sacrifício simples mas que torna-se complexo pela resistência, pelo temor.

Ao final do filme, há uma fala de David que diz:

“Traçamos um círculo imaginário ao nosso redor para afastar aquilo que não faça parte do nosso jogo secreto. Cada vez que a vida rompe esse círculo, os jogos se tornam insignificantes e ridículos. E, então, construímos um novo círculo e novas defesas”. (BERGMAN:1961)

Pode-se notar que uma descoberta vital é feita por esse personagem. Esse círculo imaginário no qual se viveu foi a arte compreendida enquanto representação ou fuga do real. Para que houvesse novamente uma aproximação do personagem com o mundo no qual estava inserido, era imprescindível que a vida rompesse esse círculo e que não fosse construído um outro novo, como ele chegou a tentar fazer ao começar a descrever com pormenores a doença sofrida pela filha para, depois de algum tempo, transformar em uma estória publicável, trazendo-lhe mais prestígio social e econômico.

A personagem Karin foi a responsável por toda a série de acontecimentos na trama do filme. Sua doença é uma espécie de loucura, demonstra-se em surtos. Sua audição ficou muito apurada após a aquisição desta falta de saúde. Por isso, ela diz escutar pessoas que a chamam e ela escuta e responde.

A loucura na sociedade hoje é vista como uma debilidade grave. De acordo com o grau desta, faz-se necessário um intenso tratamento em hospitais habilitados, em manicômios. Contudo, para a antiga civilização dos gregos, no tempo de Platão, a loucura não era vista apenas como um mal pois acreditava-se que dela podia obter grandes bens, caso fosse inspirada pelos deuses. Via-se, desse modo, tal loucura como sagrada. Inspirada ou não pelos deuses, a doença da moça conduz todos os três personagens à descoberta e vivência do amor. No marido, dá-se essa descoberta na forma de uma completa dedicação, atenção, carinho e paciência sem limites. No pai, acontece um “nascimento” que nem ele sabe explicar, mas que dá o nome de amor, pelos outros. E, em Minus, o amor se faz presente nele no momento que o pai dialogou, verdadeiramente, com ele. Karin pode ter sido um “espelho” para eles que, através dela, “através desse espelho”, os outros fizeram suas próprias descobertas, de si, enquanto seres humanos.

A arte de Ingmar Bergman foi produzida no século XX. No filme “Através de um espelho” é possível notar a presença vigorosa da essência da arte na Obra. O Mundo apresentado levanta questões, pensando o próprio fazer artístico e fazendo com que os personagens realizem a descoberta de verdade e sentido do ser. Também os espectadores são premiados com novas indagações e procuras.

Referências Bibliográficas

ATRAVÉS de um espelho. Direção cinematográfica: Ingmar Bergman. Suécia, 1961.

CASTRO, Manuel Antônio de. “A leitura e os paradigmas”.

In: www.travessiapoetica.blogspot.com

_____ “O permanente e o conceito: a questão da *physis* e do *eidos* para Platão”. In:

www.travessiapoetica.blogspot.com.

HEIDEGGER, Martin. "Ciência e pensamento do sentido". In: Ensaio e Conferências.

Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____ "A questão da técnica". In: Ensaio e Conferências. Tradução de Emmanuel

Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____ A Origem da Obra de Arte. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel

Antônio de Castro. Faculdade de Letras da UFRJ: 2006

_____ "Que é isto – a filosofia?". In: Os Pensadores. Editora: Abril Cultural, SP, 1973.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "A Pós-Modernidade".